



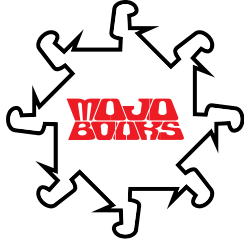
chico buarque  
**CONSTRUÇÃO**

recontado por MARCELO MALUF

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

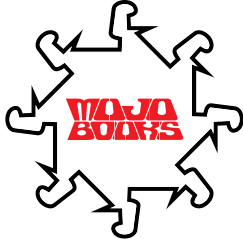


**VOLUME 43**

---

**CONSTRUÇÃO**  
**chico buarque**

recontado por **MARCELO MALUF**



**VOLUME 43**

---

**CONSTRUÇÃO  
chico buarque**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

**Setembro de 2007**

“Era alguém que havia perdido o rumo das coisas, esquecido do próprio nome. Mantinha ainda alguma memória, mas nada que fosse possível entender com nitidez. Lembrava-se apenas de seu pai: a cor dos olhos, os gestos, a voz, os poucos cabelos, o cheiro, a barba por fazer, os conselhos, as risadas, os abraços apertados e cheios de uma força amorosa que sempre pareciam dizer mais do que o gesto poderia alcançar. Sabia quase tudo do pai, mas era incapaz de se lembrar dos outros, da mãe, dos irmãos, se é que tinha mãe e irmãos, e o pior, era incapaz de saber o que tinha vivido até ali, quantos anos tinha, quais eram os seus desejos no mundo — devia ter algum desejo, algum sonho, algum objetivo; todo mundo tem algum.

Imaginava, pela sua aparência física, que estivesse com trinta anos de idade. E com trinta anos de idade era possível que já tivesse uma profissão, um emprego, uma casa ou apartamento, talvez mulher e filhos. Mas não, “eles teriam me procurado”, pensou. E a sua família? O seu pai? Onde poderia estar o seu pai? Talvez fosse sozinho no mundo. “E daí, quantos não estão



sozinhos?” Talvez todos da sua família já estivessem mortos. “Meu pai?”, pensou na possibilidade do pai estar morto e sentiu sua primeira saudade. Essa era a sua única memória, a única lembrança de alguém sem um passado, pelo menos sem um passado conhecido por ele. O único pensamento feliz que ele podia ter era o seu pai, mesmo que fosse um pensamento de uma memória fragmentada e nebulosa.

Diziam os médicos que ele havia caído e rachado a cabeça num poste; uma fatalidade, o cérebro sofrera um trauma gravíssimo. Pensava que poderia ter sido um tombo ridículo, sem nenhum efeito, tudo nele era sem grandes efeitos. Pelo menos era assim que ele se percebia desde o dia em que acordou e estava ali, daquele jeito, com os ombros magros e a cabeça enfaixada, numa cama de hospital, sem entender o motivo pelo qual se sentia o pior dos seres humanos, sem ter feito absolutamente nada que pudesse justificar aquele sentimento de derrota.

Aqui o chamaremos de QUEM.

QUEM não sabia pra onde ir, nem como chegar. Após ter recebido alta dos médicos, que nada sabiam sobre ele – já que havia chegado ao hospital sem nenhum tipo de documento - resolveu buscar o seu destino, encontrar o seu jeito de estar no mundo, queria compreender um pouco melhor o motivo de tudo



aquilo ter acontecido com ele, achar alguma pista que o levasse a si mesmo. Tinha isso quase certo em sua mente. Quase, pois “a certeza é para os tolos”, pensava. Talvez uma estrada logo adiante o levasse ao seu destino. Mas pra isso era preciso ter entusiasmo para sair daquele hospital. Era necessário ter brio, esperteza e, acima de qualquer coisa, muita coragem. Coragem é coisa de quem mergulha de cabeça, de gente que sabe o que quer. Um homem corajoso é como um olho triste; gera uma comoção que nos faz querer salvar o mundo. Mas QUEM não se considerava um sujeito corajoso. Essas idéias e palavras passavam por sua mente e ele não se lembrava de ter lido isso em algum lugar ou mesmo de ter ouvido isso da boca de alguém.

Tomou sozinho uma direção, jogou uma moeda pra cima e deixou que ela decidisse o seu rumo. Cara ou Coroa? Coroa. E foi para o norte. A roupa do corpo, alguns trocados arrecadados pelos enfermeiros do hospital, um tênis velho e um pedaço de pão numa sacola de plástico. Seguiu como um peregrino, só que não tinha uma promessa a cumprir, não levava uma cruz nas costas, não carregava nem uma mochila e pensava se talvez já não conhecesse aquela paisagem, aquele caminho, as pessoas que passavam por ele. Algumas o analisavam como se já o tivessem visto, o mediam dos pés à cabeça. “Será que este é o melhor cami-



nho?”, pensava. Não tinha resposta para sua pergunta, pois nem ele mesmo sabia qual era aquele caminho e aonde iria dar.

— Ei! — QUEM chamou a atenção de um sujeito que caminhava rápido — por acaso o senhor sabe aonde é que vai dar este caminho?

— E eu lá sei de caminho, moço, eu vou é andando, até que uma hora eu encontro - respondeu o sujeito, sem diminuir os passos.

QUEM já havia andado quase trezentos quilômetros e os seus pés dentro do tênis velho suportavam muito bem o embate com a terra. Apoiou-se numa cerca de arame farpado à beira da estrada, bebeu água do córrego que passava por ali e, com a concha das mãos cheias de água, banhou o rosto suado. Levantou a cabeça, mirou o horizonte e disse pra si mesmo: “Aqui que eu tô, pra onde é que eu vô?”. E como se o céu o conhecesse, ou mesmo a terra, o vento inventou de lhe jogar à esquerda uma lata de refrigerante vazia. Seguiu na direção para onde foi a lata, como se Deus o estivesse guiando, apontando lugares, dando-lhe sinais com qualquer coisa que estivesse à disposição em seu caminho. Seguiu sem saber, sem nenhuma certeza de que seguia pelo caminho certo, mas encheu-se de força, quase uma fé, de que era esse o melhor jeito para chegar ao seu destino.





Quase mil quilômetros ele cambaleou, o sol maltratando a sua pele. Bebeu o último fiapo de água de uma poça feita pela chuva do dia anterior. Uma bifurcação à sua frente sem explicação para o seu destino. Para que lado seguir? QUEM deixou nas mãos da sorte: “Vou para onde o meu corpo pender primeiro”, disse. E o seu corpo pendeu para direita. Seguiu firme até chegar perto de uma moça que vendia uvas, seu nome era Irene. Quis dizer que ela era bonita, que conhecia um poema e uma música com o seu nome, mas achou que Irene não fazia parte do seu destino e preferiu evitá-la.

— Cinco reais e leva a caixa. Aproveita que tá barato! — Irene ofereceu as uvas.

— Obrigado, mas não tenho como carregar uma caixa como essa. Na verdade, eu nem sei se gosto de uvas — QUEM respondeu.

No entanto, percebeu que havia se lembrado de um poema e uma canção que ele nem mesmo suspeitava que estivessem em sua memória. Quis cantar, mas não tinha uma voz como a do Milton Nascimento, e calou-se. Pôs-se a ouvir os pássaros e o vento, e admirou-se com o som melancólico que produziam. Quis correr pra ver se chegava mais rápido ao seu destino, mas estava cansado, agora com bolhas nos pés, fome e sede.



Deitou-se na grama, rasgou um pedaço do pão que trazia na sacola e olhou pro céu. As nuvens formavam desenhos engraçados e ele sorria lembrando de quando era criança e se deitava ao lado do pai para admirar as estrelas. Mas só se lembrava desses instantes, não conseguia lembrar dos amigos ou da escola, se é que tivera amigos e escola. “Será que eu fui uma criança feliz?”, pensava.

Olhou para o lado e viu um porco ser atropelado, as tripas voaram para longe, achou de mau agouro aquela visão. Pensou em dormir um pouco, mas agora ele precisava seguir, ainda mais agora que já estava tão perto. Ou pelo menos depois de tanto caminhar, achou que estivesse chegando, e foi como se alguém dissesse para ele “Vai, vai, vai”. Era a voz do pai em seus sonhos a lhe dar motivação para prosseguir. Ele ergueu a cabeça, ficou em pé e foi.

Ele não parava, seguia com os olhos úmidos e o peito dolorido. Os pés inchados já não sentiam mais o chão, as mãos sujas, a pele fervendo com os raios de sol, o corpo em desequilíbrio tentando se manter ereto. Até que avistou o seu destino, logo à frente. O seu corpo, aos poucos, foi retomando a energia, a voz lhe saía como fogo: “Aqui estou eu, aqui estou eu, aqui estou eu!”, ele repetia.



Agarrou-se a si mesmo e seguiu, e foi deixando que o destino se encontrasse com ele. Foi caminhando, pisando firme o chão de terra, foi andando, andando, andando, e passos pesados foram sendo trocados por pegadas macias, e quase levitou. E seguiu sem se voltar para trás em nenhum instante, sem trégua, mesmo com a tempestade que agora se misturava ao seu suor. Um sorriso se formava em seu rosto, ele havia chegado, e por isso havia esperado tanto tempo, e para isso QUEM estava ali diante do seu destino.

Era o começo da noite e as luzes da cidade grande lhe pareciam pequenas estrelas no chão, vistas do alto daquela montanha. A cidade grande era o seu destino. Acreditou naquilo e desceu a montanha para se misturar às milhares de pessoas lá embaixo, para fazer parte “daquele céu artificial criado pelos homens para imitar Deus”, era o que ele pensava. “O que são os postes de luz, senão estrelas artificiais, como se fossem a resposta dos homens para Deus quando ele nos olha lá do alto da Via Láctea, como se estivéssemos dizendo: ‘Olha o céu que nós fizemos aqui!’”

QUEM pensava essas coisas enquanto caminhava por entre ruas, bares, lojas, automóveis, prédios, namorados, cães e mendigos. Estranhava aquela gente na rua, estranhava o fato de se sentir invadido pelas histórias dos outros e ouvia os fragmentos



de conversas que passavam por ele – “Você já disse isso pra ela?”, “Não, no dia seis eu estarei ocupado...”, “É claro que eu gosto de você, mas...”, “Eu disse que você iria se machucar, menino!”, “Até quando você vai agüentar isso?”, “Ótica, ótica, ótica...”, “Eu tenho pensado muito sobre...”, “Três é dez, três é dez...”, - e tentava compreender a sua própria solidão no meio daquele mundo de pessoas. Mas havia algo que lhe dizia que devia continuar ali, naquela cidade, que o seu destino estava naquele lugar.

Quando mirou a catedral, quis entrar, mas não sabia se era católico, se saberia rezar ou mesmo se comportar numa igreja. Entrou. A figura do Cristo ele conhecia, sabia que era o filho de Deus, e se perdeu ao pensar naquele homem crucificado, em suas chagas, em seu sacrifício pela humanidade. QUEM conhecia a vida de Jesus, mas ignorava a sua própria existência. Acometido por essa consciência dolorosa saiu da igreja e disparou a andar sem um rumo.

Passava pela gente apressada, nervosa, inquieta. Também se inquietava, mas não porque estivesse atrasado, desempregado, esfomeado, maltratado. Inquietava-se porque desconhecia a si mesmo. Via tanta gente sabendo para onde ir, o que fazer, a que horas e onde comer, dormir, amar. E ele que não imaginava o que seria de sua vida, nem nos próximos cinco minutos?



Noite alta, ele se cansou. Deitou-se num banco de cimento e pôs-se a mirar as estrelas que agora se misturavam às luzes dos postes elétricos e dos prédios. Lembrou-se do pai e pensou que, se o pai estivesse vivo, uma estrela no céu poderia guiá-lo até ele e, se estivesse morto, quem sabe não seria o pai uma estrela a vigiá-lo. Não se demorou neste pensamento para não entristecer.

Uma luz que se acendeu no primeiro andar de um edifício que ficava em frente ao banco em que havia se deitado, lhe desviou a atenção das estrelas. Uma jovem enrolada a uma toalha deixou que ela caísse. QUEM não se lembrava da última vez em que tinha visto o corpo nu de uma mulher e o admirava por sua beleza e exatidão, não se lembrava se já havia amado ou se apaixonado por alguém. Se já tivera uma mulher nua para admirar, como aquela moça na janela. Aquela nudez lhe aqueceu o corpo e o seu coração disparou como o de um adolescente diante do primeiro amor. Pensou em tocar o interfone e dizer que a amava, sem saber o seu nome, sem lhe conhecer os defeitos e fraquezas, simplesmente ele a amava, por causa da delicadeza com que deixou que a toalha caísse, do gesto inocente com que admirava o seu corpo antes de se vestir... Era como se ele a conhecesse há mil anos. Mas desistiu, pelo mesmo motivo que havia desistido



de Irene, a vendedora de uvas, porque achou que ela não fazia parte do seu destino. Voltou-se para as estrelas e pegou um pedaço murcho de pão dentro da sua sacola e, com as mãos, foi cortando nacos menores que ia acomodando em sua boca como se fossem comprimidos e os engolia a seco. Depois, ajeitou-se no banco de cimento e dormiu.

Acordou com fome e com sede. Enfiou a mão no bolso e percebeu que não lhe restavam senão centavos. Mas não se lembrava de ter acabado com seu dinheiro. Concluiu que tinha sido roubado. Estava tão exausto que nem percebera os malandros. O estômago roncava. A boca e a garganta secas. QUEM avistou um grupo de miseráveis e se aproximou. Deram-lhe de comer, pão velho e duro. Deram-lhe de beber, mas não era água. Primeiro cuspiu, depois bebeu o segundo e o terceiro goles com vontade. Sentiu que a bebida lhe dava ânimo para seguir o seu destino. Pediu mais, e mais, e mais. QUEM se alterou, percebeu-se cheio de certezas. Os olhos tentando focar as pessoas, prédios e carros que passavam por ele, o céu quase desabando sobre sua cabeça, os pés procurando o asfalto, as mãos Tateando um apoio para o corpo que ele já não conseguia dominar. Tudo girando.

Pensou que precisava correr pra escapar daquela bebedeira, e pôs a movimentar o corpo com pressa numa luta para dominá-lo,



para conseguir obter forças e seguir adiante. Enfiou-se entre os carros e passou a correr na contramão. Buzinas e gritos tentavam alertá-lo da imprudência, mas ele seguia como se precisasse de um susto, de um choque que pudesse acordá-lo daquele estado. Cansou-se e caiu ajoelhado no meio da rua. Arfava. Os olhos úmidos mirando o céu. A imagem do pai em sua mente, uma dor que ele sentia e não sabia de onde vinha. Ele queria gritar, mas não tinha o quê dizer. Encontrou fé, levantou-se e um nome saltou de dentro de seu corpo: “Francisco!”, gritou. E repetiu: “Francisco!”, e seguiu sem se voltar para trás, na contramão. “Quer morrer, miserável?”, alertavam os motoristas. “Quer se matar, imbecil?”, diziam.

QUEM não era capaz de ouvir as vozes dos motoristas, só ouvia a voz dentro de si mesmo a lhe dizer que confiasse, tentasse, seguisse, não parasse. O nome do pai, ele havia se lembrado, e com o nome a lembrança da morte: o pai havia morrido estupidamente num acidente doméstico, caíra da escada. Com a lembrança da morte e do nome do pai, a lembrança da data do seu próprio nascimento, do batismo, do primeiro ano de escola, da primeira namorada, do próprio nome, do número de seu registro civil: 1971.10.27. Apoiou-se em um poste para não cair, tinha as pernas moles, tossia. A lembrança não o deixara feliz,



lembrar-se de si mesmo não fez com que ele compreendesse o seu destino.

Uma folha de papel ao vento desviou a sua atenção e QUEM decidiu segui-la. Ia à mercê do caminho desenhado pela folha no ar e, tomado de tamanha concentração, não se desviava dela. Até que a folha parou. Pousada no telhado de uma casa pequena, a folha parecia ter chegado ao seu destino. QUEM mais uma vez sentiu-se desamparado, sem rumo. Resolveu pegar a folha de cima do telhado para, de alguma maneira, tentar compreender qual era o destino daquele papel. Apanhou a folha e se deteve horas em seus amassados, escritos desconexos, anotações do dia-a-dia, rabiscos e números que para ele não faziam sentido algum. E pensou que só outra folha de papel talvez pudesse se juntar à folha que tinha nas mãos e completar um sentido.

Pôs-se a seguir outra folha de papel, e mais outra, e outra. Mas só as seguia quando elas voavam à mercê do vento e só as pegava quando estivessem pousadas. E ia juntando um pedaço ao outro, estabelecendo relações, aproximando e distanciando pedaços de papel. Como um caçador de borboletas a pegar folhas de papel ao vento, ele as colecionava como se fossem preciosidades. E as seguia, e esperava que pousassem, e as vigiava com meticulosidade, que era para compreendê-las, para saber que





caminhos escolheriam e por que de repente pousavam. “Por quê?”, ele se perguntava.

**FIM**



## SOBRE O CANTOR

Francisco Buarque de Holanda, conhecido como Chico Buarque é músico, cantor, compositor, teatrólogo e escritor. Um dos maiores nomes da MPB, Chico Buarque se revelou ao público brasileiro quando ganhou o Festival de Música Popular Brasileira, em 1966. Exímio letrista, músico de mão cheia, ele se tornou referência entre artistas e a inteligência do país, sendo um dos mais afiados críticos da Ditadura que o país atravessou. Também é conhecido como um notório decantador de um “eu” feminino, retratando temas a partir do ponto de vista das mulheres com notória poesia e beleza. *Construção*, disco de 1971, é considerado uma de suas obras-primas, com a música epônima, “Deus lhe pague”, “Cotidiano”, “Desalento”, entre outras.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **CONSTRUÇÃO - CHICO BUARQUE**

Foto: Carlos Leonam

Design Aldo Luz

Lançado em 1971

Selo: Philips

Produzido por Roberto Menescal

Para mais informações sobre o cantor, visite:

**[chicobuarque.uol.com.br](http://chicobuarque.uol.com.br)**

## **SOBRE O AUTOR**

Marcelo Maluf é escritor, músico e Mestre em Artes, pelo Instituto de Artes da Unesp. É baterista e vocalista da Banda Performática liderada pelo artista plástico José Roberto Aguilar. Escreveu a novela infanto-juvenil *Jorge do pântano que fica logo ali* (FTD), com lançamento previsto para o segundo semestre de 2007. Vive e trabalha em São Paulo.

# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

# 43 CONSTRUÇÃO

CHICO BUARQUE  
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. DEUS LHE PAGUE
2. COTIDIANO
3. DESALENTO
4. CONSTRUÇÃO
5. CORDÃO
6. OLHA MARIA
7. SAMBA DE ORLY
8. VALSINHA
9. MINHA HISTÓRIA (GESUBAMBINO)
10. ACALANTO

